

**E**sse sexto número de nossa *Revista M.* apresenta o Dossiê Temático “*Arqueologia Funerária: Performance, Morte e Corpo*”, organizado pelos historiadores Adriene Baron Tacla, da Universidade Federal Fluminense, e Pedro Vieira da Silva Peixoto, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pertença de ambos à área de História resultou num dossiê que, sob perspectiva dialógica, convida a refletir sobre a historicidade, não apenas das práticas funerárias, como da própria área dos estudos arqueológicos. O resultado é um conjunto de enfoques que possibilitam identificar diferentes concepções, abordagens e metodologias das investigações sobre os vestígios materiais deixados por ocasião da morte ao longo do tempo. É também sob o signo da diversidade que podemos compreender o processo histórico de constituição da área, a partir da segunda metade do século XX, quando se multiplicam as formas pelas quais se concebe o campo dos estudos arqueológicos sobre a materialidade da morte, por meio de distintos conceitos, tais como “Arqueologia”, “Arqueologia Funerária”, “Arqueologia das práticas funerárias”, “Bioarqueologia”, etc.

O Dossiê é aberto pelo artigo intitulado *Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: contribuições, práticas e caminhos possíveis*, do historiador Pedro Vieira da Silva Peixoto, que atua como bolsista de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Os demais artigos são de autoria de arqueólogos que enfocam espacialidades e momentos que perpassam a região do Peloponeso entre os séculos IX e VIII a. C.; o Egito antigo de cerca de 1380 a. C.; uma área grega do período helenístico; os sambaquis fluviais encontrados do Vale do Ribeira (em São Paulo) datados de mais de 10 mil anos atrás; e a região andina do Perú entre os anos 1000 e 1470 d. C. Adentrando pelos textos de arqueólogos ou investigadores que atuam na área de



arqueologia de universidades do Brasil, do Peru e da França, temos o artigo *A morte lhe cai bem. Reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social*, de Camila Diogo de Souza, professora visitante do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Cinthia Rolland, professora das Faculdades Metropolitanas Unidas e Pós-doutoranda em Arqueologia junto ao Museu Nacional, Brasil, no Laboratório de Egíptologia, é autora do artigo *Chaouabtis/oushabtis et leurs fonctions au sein de la religion funéraire des égyptiens anciens*. A arqueóloga Clarrisse Pêtre, professora do Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, é autora do artigo *Voir Délos et mourir: La gestion de la mort interdite dans un sanctuaire grec à travers les sources épigraphiques et les données archéologiques*. O artigo intitulado *Arqueologia Funerária: a materialidade da vida após a morte*, é de Claudia Plens, professora de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Por fim, os arqueólogos Pieter Dennis van Dalen Luna, Alfredo Altamirano Enciso (que atuam no Departamento de Arqueologia da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, no Peru) e Łukasz Majchrzak (doutorando junto ao Departamento de Arqueologia. Universidad Jaguellonica, na Polônia) são coautores de *Marcas para la vida, señales para la muerte. Los cuerpos tatuados de la cultura Chancay en Cerro Colorado, Huacho, Perú*.

A seção **Artigos Livres** deste número traz três artigos que refletem aspectos diferenciados sobre a morte e o morrer, entre o início do século XX e o início do XXI. O artigo *São Martins: um cemitério periférico, (des)conhecido na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul (cronologia e morfologia, características sociais e culturais)* é escrito por Fábio Vergara Cerqueira, professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul, e Elaine M. Tonini Bastianello (in memoriam), que era doutoranda pelo mesmo programa de pós-graduação, mas infelizmente faleceu no período em que o artigo de ambos estava sendo editorado. Diferentemente das abordagens sobre cemitérios Oitocentistas brasileiros que se destacam pela monumentalidade da arquitetura e tumularia, o artigo enfoca o cemitério São Martins, localizado na periferia de Bagé, no Rio Grande do Sul, voltado para a população menos abastada economicamente. Criado na primeira metade do século XX e, diferentemente do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, por exemplo, se caracteriza como destino aos mortos da comunidade de Bagé, não havendo ali túmulos de membros da elite política ou econômica. Na ausência de estudos anteriores, os autores buscaram compreender os simbolismos culturais e significados sociais presentes nesta necrópole de arquitetura identificada pelos autores como “mais popular”, com predominância da argamassa na construção dos túmulos e ausência do mármore. O artigo envereda pela análise da evolução cronológica e morfológica da arquitetura cemiterial, identificando fases de sua construção e apresentando elementos da transformação pela qual passou ao longo do tempo até sua configuração mais atual.

Em *Sedação paliativa em fim de vida: debates em torno das prescrições médicas*, Rachel Aisengart Menezes, professora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Carolina Peres de Lima, Mestre em Saúde Coletiva que atua no setor de Psicologia do Hospital Federal Cardoso Fontes, perscrutam manuais nacionais e internacionais

destinados aos profissionais paliativistas, bem como artigos científicos dos últimos dez anos, a fim de analisar o uso de sedação paliativa com vistas à redução do nível de consciência e alívio dos sintomas do paciente. Por meio de um enfoque socioantropológico, o artigo reflete sobre a gestão do sofrimento no período final da vida, identificando que valores relativos à vida, ao sofrimento e às noções de pessoa e morte vigentes em determinados contextos conduzem a práticas individuais e coletivas passíveis de suscitar diferentes sentimentos em relação ao morrer. Segundo as autoras, a atuação dos paliativistas, com assistência de uma equipe multidisciplinar, pode gerar questionamentos referentes ao processo decisório quanto ao uso da sedação paliativa, principalmente no que se refere à participação e autonomia do enfermo e de seus familiares. Trata-se de uma prática complexa, que pode gerar conflitos, especialmente quando utilizada para amenizar o sofrimento psicológico. No que tange ao Brasil, o artigo evidencia a inexistência de lei federal que regulamente o tema, a carência de debates mais amplos na sociedade, a disparidade das práticas propostas nos manuais brasileiros dedicados aos cuidados paliativos e a escassez de pesquisas nacionais em torno do processo de morrer que dirijam seu olhar para os dilemas e desafios que acompanham esse processo, especialmente os que enfoquem a sedação paliativa.

O último artigo desta seção é *Ritos de morte no congado mineiro: os Arturos*, da professora Rosângela Paulino de Oliveira, do Departamento de Comunicação da Universidade Cruzeiro do Sul, em São Paulo. Sua proposta é investigar o sentido da morte para os congadeiros da comunidade dos Arturos, um dos mais antigos e tradicionais grupos de congada de Minas Gerais, atuando há mais de 120 anos. A partir de entrevistas com membros do grupo, o artigo analisa de que forma seus participantes mais antigos, os “guardiões dos saberes ancestrais”, atuam para manter os saberes e ritos ligados à morte transmitidos de geração em geração e que marcam sua identidade, em especial diante dos desafios do nosso mundo contemporâneo.

Numa linha de afinidade com o tema anterior, a Seção **Em Campo** traz o relato de experiência de Juliana Resende Bonomo, doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP. Seu texto intitulado *Alimentando o luto: uma pesquisa sobre as comidas servidas nos velórios de Entre Rios de Minas e Belo Horizonte* apresenta sua experiência durante o estudo das práticas de comensalidade nos velórios antigos e atuais de Entre Rios de Minas (uma cidade do interior de Minas Gerais), em comparação com aquelas promovidas pelas funerárias de luxo da capital, Belo Horizonte. Situado na área da Memória Social, o artigo recorre à história oral para compreender os aspectos culturais do serviço de comidas e bebidas nos velórios antigos e o impacto promovido pela chegada das casas funerárias que, com o viés de mercantilização da morte, interfere sobre práticas tradicionais. É em busca das permanências e transformações dos tradicionais velórios ocorridos na sala de visitas, enquanto na copa havia uma mesa com quitutes variados (bolos, biscoitos, broas), café e pão-de-queijo, para alimentar quem que acompanhava o ritual, que Juliana conduz seu relato.

Neste sexto número trazemos a **Resenha** intitulada *Después de la muerte: Procesos de transformación social y política en la Argentina reciente*, elaborada por Cinthya Lazarte, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS), Argentina. Ao analisar o livro *Muertes que importan. Una mirada*

*sociohistórica sobre los casos que marcaron la Argentina reciente*, de Sandra Gayol e Gabriel Kessler, publicado em 2018, Lazarte apresenta seu olhar sobre a obra, que tem como enfoque a relação entre mortes violentas que ganharam visibilidade no espaço público e mobilizaram a sociedade argentina, entre 1983 e 2002, políticas públicas e transformações sociais neste importante país da América Latina.

Torcemos para que este número da **Revista M.**, colabore no sentido de apresentar diferentes enfoques e abordagens sobre a morte, os mortos e o morrer, seja pelos seus vestígios desvendados pelas escavações arqueológicas, seja pelo contato com aqueles que ainda podemos ver e sentir de diversas formas ao nosso redor.

**Claudia Rodrigues (Editora)**

